



PEDAGOGIA DA CONVIVÊNCIA POR NIMA SPIGOLON: MAPA DA DIÁSPORA ELZA FREIRE E PAULO FREIRE

Caroline Terra de Oliveira, Café com Paulo Freire UFPEL/RS ¹

Deyse Karla de Oliveira Martins, Café com Paulo Freire RN/RN²

Rosane Pedrosa, Café com Paulo Freire São Paulo/SP³

RESUMO: Esta entrevista-diálogo apresenta Elza Freire e Paulo Freire – o testemunho de uma pesquisa a partir do diálogo entre as autoras que assinam o texto e a professora Nima Spigolon. Mineira animada, que pulsa o tempo todo, que não sossega na busca de dar concretude ao seu compromisso com a Educação Pública Básica e Superior, com a Educação Popular. Dialogamos por mais de três horas, quase sem interrupções da nossa parte, porque Nima fala com a alma, com o corpo (muitas vezes se emocionou, e nos emocionou); pensa em cada palavra e frase que vai compartilhar com o grupo. Através de Nima (re)conhecemos Elza Freire e sua importância na construção do pensamento de Paulo Freire

PALAVRAS-CHAVE: Nima Spigolon; Elza Freire; Pedagogia da Convivência

Quem é Nima Imaculada Spigolon

Gosto de falar aos colegas que eu não sou nada, sou um fiozinho que se junta a outros fios e que vai tecendo e tecendo essa mulher do mundo, essa mulher companheira do Paulo Freire, Elza Freire.

Vou respirar fundo, porque cada vez que entro em uma sala de aula, ou entro numa sala virtual de conversa ou de trabalho, é como se fosse a primeira vez. A educação me traz a oportunidade de (re)nascem em todos os momentos quando estou em uma sala de aula; é mais uma oportunidade de me manter viva. Cada momento compartilhado com pessoas que também têm projetos societários e ideais de luta

¹ Graduada em História-Licenciatura e Pedagogia. Especialista em Sociedade, Política e Cultura do Rio Grande do Sul. Mestre e Doutora em Educação Ambiental. Atualmente, é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Integra o grupo de pesquisa Filosofia, Educação e Práxis Social (FEPráxis/UFPel). Contato: caroline.terraoliveira@gmail.com

² Professora da Universidade do Estado do RN, Graduada em Pedagogia, Doutora em Educação. Integrante do Projeto EJA em Movimento (UFRN). Curadora do Café com Paulo Freire RN e integrante da Curadoria Internacional do Café com Paulo Freire. Contato: dkomartins@gmail.com

³ Graduada em Ciências Sociais, Mestre em Políticas Sociais e Doutora em Ciências Sociais pela PUCSP, pesquisadora do Observatório das Metrópoles, Professora Universitária e de Formação de Educadores do MOVA, Membro do IBEP e Coordenadora de Coleta de Dados na Fundação Seade. Contato: rosanapedrosa@hotmail.com



comuns, inspiram as borboletas do meu estômago. A educação – e talvez somente ela – nos proporciona isso.

Quero iniciar falando de gratidão, pois é o sentimento que trago quando aceito convites como este do Café com Paulo Freire. Gratidão, porque estes encontros têm uma dimensão que é fundante do pensamento de Paulo Freire e de Elza Freire – o ensinar e aprender. A minha gratidão tem esse reconhecimento humilde de ensinar e aprender, porque nós ensinamos não porque gostamos de ensinar ou porque sabemos, mas porque o nosso desejo de aprender é maior do que o de ensinar.



Sintam-se à vontade para dialogarmos. Realmente é um café, uma prosa bem mineira, uma conversa entre pessoas que não se conhecem pessoalmente, mas que se querem bem. Aqui em Campinas, quando nos reunimos em torno de uma mesa de café, é porque sabemos o significado afetivo, pedagógico e político que uma mesa tem. Isso também vale para este nosso momento.

Na medida em que o diálogo acontecer, vocês perceberão a presença, os atravessamentos de Elza Freire e de Paulo Freire, e como eles vão bailando nas minhas palavras e elucubrações, mas também nos silêncios e em minhas emoções. Sou uma pessoa sensível, poeta de sensibilidade aflorada.

Quero que vocês também se sintam convidadas para esse café, a conversarem em uma grande roda de mulheres. É um diálogo. Eu queria que a gente se sentisse nesse lugar de prostrar. Ah, a Nima menina! Vou tentar sistematizar algumas ideias, pois penso mais parecido, digamos, com a forma verborrágica de Paulo do que com o jeito lacônico da Elza.

Sempre desejei ser professora. Acho que desde quando fui percebendo meu corpo, minha presença no mundo, de ser e estar no mundo. Sou mineira de Ituiutaba, mas nasci em Goiás. Até os 40 anos de idade, morei em Ituiutaba, Minas. Tenho 51 anos hoje, portanto, estou há 12 anos em Campinas. Imaginem o interior; sou do Triângulo Mineiro, região que está entre o Rio Paranaíba, que divide Minas e Goiás; e o Rio Grande, que divide Minas e São Paulo. Minas Gerais são muitas. Morei em uma região distante de Belo Horizonte, não apenas em quilometragem, mas culturalmente; não tem serra, mas cerrado. Essas informações também são importantes para visualizar um pouco como que essa menina que sempre quis ser



professora vai se forjando, levando em conta as realidades e possibilidades educacionais de que eu dispunha.

Minha mãe foi professora de bordado e usava aquela máquina de costura *Elgin*. Hoje, a maioria dos pés de máquina de costura viraram aparadores. Tenho em minha casa o pé da máquina em que a minha mãe costurava. Minha avó materna era doceira. A bisavó materna era uma matriarca, foi inclusive parteira. Assim é a memória afetiva mineira.

Vocês percebem que nestas histórias-memórias há a presença da educação popular, uma educação de mulheres fortes? Tem uma coisa a ser destacada: até então minha família não tinha tido uma professora formada teoricamente. Fui a primeira.

Hoje, reconheço a presença dessas mulheres, na mulher que vou me constituindo. O encontro com a Elza e as filhas de Elza representa o encontro de todas, de muitas mulheres – aquelas que conheci, outras com quem que convivi, e ainda as que vão chegando. Um conceito de mulher não ligado a gênero ou sexo, mas ao feminino.

Esta categoria, feminino, é muito forte em mim e também era em Paulo Freire. Ele foi um homem que viveu o feminino como princípio, ou seja, a força do universo feminino, que não é apenas um corpo fisiológico, mas uma concepção de mundo, de amorosidade, esteve presente no pensamento e na práxis dele.

E assim fui me fazendo. A primeira graduação foi em Administração de Empresas, gente! Pasmem! Trabalhei no Banco do Brasil dois anos, mas eu sempre quis ser professora, tanto que eu fui fazer Pedagogia dez anos depois que eu tinha terminado a Administração.

Tornei-me professora pública aos 19 anos, através do primeiro concurso público que prestei. A primeira sala de aula foi na zona rural, na pré-escola, na beira do rio Tijuco. O deslocamento era feito de madrugada, em uma *Kombi*.

Depois a vida foi tomando aquele percurso de funcionária pública., ou seja, conforme vai mudando o governo, fui mudando de funções e de cargos. Na década de 1990, estagiei como funcionária pública no campo da saúde, na gestão de projetos socioeducativos e na formação de professores. No final dos anos de 1990, descobri um novo caminho a partir de pequenas inserções no Ensino Superior com vistas à



implantação da Educação de Jovens e Adultos (EJA), tanto na cidade de Ituiutaba quanto nas cidades vizinhas.

No início dos anos 2000, de uma forma mais específica e organizada, fui fazer Pedagogia, quando se deu, de fato, a entrada na EJA na minha trajetória de professora e pesquisadora.

São as principais memórias e lembranças de uma menina e de uma moça, com valores e ritmo de vida do interior. Ituiutaba é uma cidade pequena, mas hoje bem diferente daquela em que vivi. Em 2010, troquei Ituiutaba por Campinas para estudar. Prestei concurso na Faculdade de Educação da UNICAMP e as oportunidades foram acontecendo, os horizontes se ampliando.

Quando vocês organizarem esta conversa em um texto, perceberão que fui tentando colocar minhas ideias em duas dimensões – as objetividades e subjetividades –, porque não somos apenas um amontoado de células de carbono, de hidrogênio, de oxigênio, de nitrogênio, que vão formando os nossos poros, os nossos corpos. Somos feitas de memórias, de histórias, de centelhas de espírito, então, a dimensão material da vida não dá conta daquilo que constitui a nossa existência, compreensão que reforça mais ainda a decisão em ser professora.

Usamos o termo *professora*, mas, evidentemente, também educadora e, sobretudo, aprendiz. Este núcleo pulsa em mim, colocando-me como aprendiz das circunstâncias, do lugar e das pessoas com quem estou convivendo. Assim, vou me fazendo professora-educadora-aprendiz a cada momento, a cada encontro. A sala de aula não se reduz a uma lousa, cadeiras, paredes, pois abarca o mundo, já que é constituída de gentes que são únicas em seus modos de ver o mundo e se relacionar com a natureza.

Conseqüentemente, temos que nos ocupar, lógico, em ter e oferecer uma formação técnica, teórica, didática, em formar profissionais da educação, pesquisadores, gestores. Porém, a dimensão humana desta profissão deve priorizar a formação de pessoas, transformando as mentes, descolonizando corações e se conectando com a intuição. Ser professora é uma escolha para intervir na realidade e tornar o nosso mundo mais digno, justo e amoroso possível. Sou aquela menina que desejava e deseja ser professora.



É muito importante dizer que estudei sempre em escola pública. Sobre isso, tenho uma memória afetiva tão bonita que gosto de contar – mineiro gosta de contar causo, né?

Morava em um bairro de casas populares e, no quarteirão em frente à minha casa, tinha uma escola pública, que até hoje se chama Escola Municipal Machado de Assis. Às vezes eu falo: *Nossa, talvez meu primeiro encantamento, a paixão com a literatura veio por conta do Machado de Assis!*

Quando lá estudei, a escola não tinha muro, não tinha calçamento, apenas uma tela de arame nos separava, a minha casa da escola. Assim, minha mãe levava o lanche por este cenário. Gente, eu sou da época do Magistério, do Curso Normal, que concluí o curso em 1987, habilitada para ser professora primária.

Cresci em uma relação de muita proximidade entre minha vida e a escola, e é impressionante, pois ainda hoje estão presentes aqueles marcadores do ambiente escolar, meio de fábrica. Sabe o sinal de 7 horas, o sinal da mudança de horário, o intervalo para o recreio, a mudança de turno? Os inspetores no corredor? O uniforme? Isto é muito, muito forte, isso foi me constituindo como professora e como defensora da Escola Pública.

Frequentava bibliotecas públicas, a biblioteca da escola, a biblioteca da cidade. A importância do público para todos, a importância de um Estado que se ocupa com a educação, com a saúde, com a segurança, com os direitos humanos, que isso não seja apenas discurso, que seja realmente prioridade. A memória e a presença-vizinhança da Escola Pública foi fundante para a professora que vou sendo hoje.

Retomando, iniciei na educação infantil, naquela pré-escola da zona rural, na Escola Municipal Francisco Antônio de Lorena. A experiência escolarizada com jovens e adultos só veio depois, quando fui trabalhar com alfabetização de adultos e telessala – sou da época do Telecurso 2000, em que fui coordenadora no período noturno de um Centro Integrado Municipal de Educação - CIME Tancredo de Paula Almeida. Trabalhava de manhã e à noite neste CIME, às vezes à tarde também, os três turnos.

Pela manhã, na secretaria do CIME, no serviço burocrático, que ofertava a Educação Infantil e o Ensino Fundamental; à noite as telessalas, com professores de Português, Matemática, Física, História, Química e alfabetização de adultos. Foi neste momento que se deu a inserção do meu trabalho na EJA. Um pouquinho depois, 2002, fui cursar Pedagogia.



Quando inicio Pedagogia, minha vida se catapulta para a EJA. Como já tinha uma graduação, eu ouvia assim: *Ah, mas você já tem uma graduação, por que não partir para uma pós-graduação?* Não, eu respondia. Meu sonho sempre foi ser professora, sempre quis fazer Pedagogia. Paralelamente à Pedagogia, estabeleci um vínculo com um grupo de pesquisa de jovens e adultos na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), cidade mineira que fica distante 120 km de Ituiutaba, digamos assim, a capital política do Triângulo Mineiro.

Eu era a única do curso que trabalhava com a EJA, por isso as prefeituras convidavam para fazer formação de professores de EJA. Uma professora da Faculdade de Educação da UFU me chamou para estudar e pesquisar EJA. Foi nesta Universidade, a UFU, e no grupo de pesquisa lá, que fiquei sabendo da UNICAMP, que conhecia apenas de nome. Uma colega deste grupo, a Sandra de Oliveira, disse que a Faculdade de Educação da UNICAMP abriria um processo seletivo para a pós-graduação. Sandra falou: *Você tá muito quietinha*. Eu falei: *Mas lógico! Não tenho noção do que é um projeto de pesquisa, ainda mais UNICAMP*. A gente vai fazer, o grupo todo, ela retrucou. Sabe aquela coisa do grupo se unir? Submeti o projeto para o Mestrado, já na Área de Educação de Jovens e Adultos, no GEPEJA, com a profa. Sonia Giubilei.

O mestrado – Pedagogia da Convivência: Elza Freire, uma vida que faz Educação

Entre no mestrado no segundo semestre de 2006, com o projeto “As campanhas de alfabetização em massa sob a perspectiva da Educação de Jovens e Adultos no triângulo mineiro”. Fiz cinco projetos de pesquisa, nenhum foi aceito, pois a orientadora achou que era muito restrito falar somente do triângulo mineiro. Quando chegou no quarto projeto, com o tempo passando, propus um projeto para tratar do retorno de Paulo Freire ao Brasil depois de 30 anos, mas que também não foi aceito.

Revisitei meu coração, revisei minha vida inteira até ali e pensei que não estava na Unicamp por nada, não fiz essas viagens todas por nada, eu preciso encontrar o tema que me levou até lá. Então, tomei uma decisão: vou pesquisara Elza Freire. Isso foi em outubro de 2008, mas também não foi aceito! Falei para minha professora que me permitisse tentar.

Qualifiquei em fevereiro de 2009. Minha mãe faleceu em maio, e a defesa foi em julho; na qualificação, fui indicada para o doutorado. Reconhecendo meus



percursos limitados de formação, meus poucos recursos intelectuais, pedi para concluir o mestrado. Fiz um recorte na pesquisa e a primeira escolha foi iniciar os contatos pelos filhos de Elza e Paulo. Não faço nada sem o conhecimento, ou de um jeito bem mineiro de falar, sem a benção dos meninos, porque acho que essa seria a escolha de Elza e Paulo.

Contatei com os filhos, e o primeiro contato foi com o Lutgardes. Aqui cabe registrar um reconhecimento público ao Moacir Gadotti, que “adotou” o Lut e dá a ele condições materiais de existência. Lut é o curador do acervo do pai no Instituto Paulo Freire. Gadotti e Ângela, eterna gratidão!

Em dezembro de 2008, liguei para o Instituto Paulo Freire (IPF) e falei com a Lizeth Acquisti, hoje uma grande amiga, e marcamos a visita em 16/12/2008. Fui para São Paulo, direto para o IPF, e foi Lut quem me recebeu. Não tem nada que consiga traduzir o que senti, foi bonito demais. Choramos juntos, foi muita emoção.

Após as emoções daquele primeiro momento, tomamos café com pão de queijo, manteiga de leite, rapadura, bolo de fubá com erva doce, que tinha levado. Fizemos um café com Paulo Freire e Elza Freire. Lut virou para mim e falou assim: *Esse projeto seu é muito grande.*

Ele fez a orientação metodológica, que deu origem ao escopo cronológico de pesquisa: *Você trabalha sobre a mãe em Recife, de 1916 até 1964; depois, no exílio, de 1964 a 1979; por fim, a volta para o Brasil, de 1979 até 1986. Mas você não pára aí não, porque vai ter muito mais coisa.*

Foi muita emoção! Não tem teoria que dê conta da dimensão da pesquisa e da pesquisadora que não se dá no campo da intelectualidade, mas no campo da sensibilidade, desse olhar subjetivo.

Lut me deu uma cópia do primeiro texto que a sua mãe escreveu (achamos que é o único texto publicado) e está no livro *Memórias das mulheres do Exílio*, cujos patrocinadores do livro são Abdias do Nascimento, Nelson Werneck Sodré, e Paulo Freire. O primeiro e único texto da Elza publicado foi patrocinado pelo Paulo Freire; é muito amor, não é mesmo?

Esse livro tem dois volumes. O volume 1, com memórias das mulheres do exílio, de Albertina Costa, da Fundação Carlos Chagas, em São Paulo; o segundo, *Memórias do exílio*, patrocinado por Paulo Freire. Não tive tempo de registrar isso em artigo, mas



desconheço alguma pesquisa que traga o Paulo Freire como editor. Depois desse diálogo, começarei a escrevê-lo. Sabemos ainda tão pouco do nosso Paulo.

Naquela visita, Lut também falou: *Nima você tem que conversar com as minhas irmãs e com meu irmão*. Mas como faria? E ele: *Não, espera!* (e chamou a Lizeth)! Pegou um caderninho (tenho esse caderno até hoje), abriu a agenda e foi passando os números de telefone dos irmãos. E fez mais, pois ligou para todos avisando que eu entraria em contato.

Sem o Lut a pesquisa não existiria como existe. A generosidade desses meninos, o desapego, enfim, é a vivência da pedagogia, da convivência com o pai e com a mãe, a vivência mais pura e genuína dos princípios de amorosidade e de humanidade. Vou me atrever a dizer que são princípios Elza-Freireanos de Educação.

Em janeiro de 2009, fui para São Paulo e levei minha mãe, ficamos três dias e duas noites. Conhecemos as meninas Madá (Madalena) e Fátima. Levei para elas o pão de queijo com queijo curado, ralado no ralador grande, que minha mãe fez. Para o Lut levei uma caixa de isopor com manteiga fazendeira de Ituiutaba, café tijucano, queijo fresco, requeijão de faca, doce de figo, doce abóbora, que é o doce predileto da Madá, e doce de mamão. Recebemos de presente uma camiseta do MOVA e livros. Boa parte da minha biblioteca de pesquisa trouxe desta viagem.

Quando volto para Ituiutaba e começo a construir o texto para qualificar o mestrado, minha mãe adoeceu e foi diagnosticado um câncer. Larguei tudo para cuidar dela, mas, como ela sempre soube das minhas dificuldades, decidiu fazer uma ligação para minha orientadora e disse: *Professora Sônia, quero te agradecer por você ter escolhido Nima, e explicar que não estou bem de saúde e, por isso, ela não está conseguindo ir às aulas*. Mesmo assim, tive que preparar o texto de qualificação, pois o tempo estava acabando - isso foi no final de janeiro. No Dia das Mães de 2008, maio, ela faleceu, mas eu tinha o mestrado para terminar, que representava um compromisso com a humanidade, com a educação, com a minha mãe, com a Elza Freire. Defendi em julho de 2009.

Defendi o Mestrado sem ir para Recife, o que deveria ter feito, porque ali é onde Elza nasceu e onde se deu a constituição do método de Paulo Freire, onde tem início toda essa história da educação brasileira e deles.

Entre o falecimento de minha mãe e a defesa do mestrado volto em São Paulo, pois Lut já tinha falado sobre outras pessoas que eu deveria conversar, e uma delas



era a Vera Barreto. Foram Vera Barreto⁴ e Zeca⁵ que fundaram o Vereda quando Elza e Paulo voltaram do exílio, já na década de 1960. Eles – Vera e o Zeca, eram estudantes na USP, onde ficaram sabendo do Método Paulo Freire. Então, escreveram uma carta para Paulo convidando-o para vir a São Paulo. Foi Zeca que levou Elza e Paulo Freire para São Paulo nessa época. Logo depois, Paulo foi trabalhar no governo João Goulart, com Darci Ribeiro e Paulo de Tarso Santos, no Plano Nacional de Alfabetização (PNA).

Em junho de 2009, conheci a Vera Barreto, que morava na Rua Tupinambás, perto do Instituto Paulo Freire. Tenho a vozinha dela gravada. Gente, que gracinha! No doutorado, ela me deu muitos materiais do Vereda⁶.

Neste mesmo período, conversei com a Madá (Madalena) e com a Fátima. Madalena me recebeu no seu apartamento e uma coisa que me impactou muito – na parede havia um quadro do cartunista Claudius Ceccon. O cartunista conviveu com Elza e Paulo no exílio. Quando a Elza faleceu ele fez este quadro com lápis colorido, em formato de losango, tinha Paulo à frente e Elza ao fundo. Paulo estava visivelmente abatido, pois Elza tinha recém falecido. A imagem dos dois, retratada no desenho, foi muito forte.

No final da conversa, Madá falou assim: *Nima, separei uns trens aqui para você e quero te entregar. Estou confiando a você o que eu tenho da minha mãe. É impossível traduzir o que eu senti.* Ela veio com um coraçãozinho feito de renda de bilro, dentro de uma caixinha. Tremi com a caixinha na mão, a gente abriu juntas a caixinha com vários pertences, vários escritos íntimos.

⁴ Vera Barreto - Licenciada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo, Vera teve extensa carreira na alfabetização de jovens e adultos, tendo se destacado pela importante contribuição no debate sobre a educação popular e seu caráter político e emancipador. Em 1982, junto com seu marido, o “Barretão”, Paulo Freire e outros educadores, fundou o Vereda – Centro de Estudos em Educação, tornando-se uma referência por suas publicações e pelo seu trabalho no campo da Educação Popular de Jovens e Adultos. Vera atuava de maneira dedicada a cada uma das demandas que a ela chegava. Era uma pessoa agregadora, comprometida com o diálogo, como ensinou seu mestre Paulo Freire. Aberta ao novo, não se deixou envelhecer na sua prática e no seu pensamento. Faleceu em 09/09/2013.

⁵ José Carlos Barreto faleceu em fevereiro de 2007.

⁶ VEREDA – Centro de Estudos em Educação - O VEREDA foi criado em 1982, por um grupo de educadores reunidos em torno do educador Paulo Freire, quando de sua volta ao Brasil. Embora atento à educação como um todo, a presença de Paulo Freire foi decisiva para que a Educação de Jovens e Adultos ganhasse um lugar de destaque na instituição. Suas primeiras ações estiveram ligadas à educação popular e envolveram grupos que atuavam na alfabetização de jovens e adultos, no trabalho com mulheres e outras práticas sociais na maioria ligadas às Comunidades Eclesiais de Base. Com a democratização, o VEREDA passou também a assessorar a educação de jovens e adultos, junto a movimentos sociais e a algumas secretarias da educação, prioritariamente nas ações de formação.



O que chamo de escritos íntimos é um conjunto de fontes documentais e não documentais sobre Elza Freire, que fui reunindo – o caderno de receitas, manuscritos avulsos, cadernetas de anotação, documentos, fotos, livros.

Elza escrevia e se manifestava verbalmente na primeira pessoa, assim: *Eu fiz o que queria, eu me tornei professora, eu escolhi; nesses últimos anos, vivi uma retomada do trabalho, para mim o exílio foi muito mais positivo, que negativo, foi muito interessante essa fase.* Ou seja, Elza era uma pessoa sem medo de expor o que pensava quando era convidada a se expor. Jamais impunha; era silenciosa, reflexiva, extremamente simples e discreta. Elza não gastava palavras, escrevia. Elza se manifestou na primeira pessoa, por exemplo, em cartas a Guiné-Bissau: “a criatura abstrata não existe, a criatura é algo concreto”. Gente, isto mostra o “eu”, mas não o eu egóico, misantropo, mas um eu sujeito conectado, de mãos dadas com a humanidade; esta é a Elza. Uma mulher de atitude, de amorosidade profunda, justa e professora de todas nós.

Então, a Madá me entregou aquela caixinha. Era tudo o que ela tinha, o que podia entregar. A seguir, todos me mandaram algum material - a Cristina, a Fátima, o Joaquim e o próprio Lut. Ainda estou abrindo estes materiais, estes escritos íntimos, em que faço um trabalho arqueológico. No mestrado, digitalizei algumas páginas das receitas, alguns trechos para mostrar como ela foi, porque Elza foi a metodóloga de Método Paulo Freire. Elza foi a base para o pensamento pedagógico de Paulo Freire. Ela foi a outra mão de Paulo Freire.

Vou contar para vocês como é que eu trouxe essa caixinha para Ituiutaba porque isso é importante. São quase 800 km. Embarquei em São Paulo de noite. Vocês acham que eu ia por essa caixinha dentro da mala no bagageiro? Trouxe no colo. Fiz a viagem inteira abraçada na caixa e isso é muito simbólico para mim, enquanto pesquisadora e professora.

Ainda sobre *Pedagogia da Convivência: Elza Freire - uma vida que faz Educação*, título da minha dissertação, revisei-a neste ano de 2023, lapidei-a, e será lançada em Recife, julho deste ano, no Congresso Internacional SESC de Arte/Educação na Universidade Federal de Pernambuco, sob o título *Elza Freire e Paulo Freire: por uma pedagogia da convivência*⁷.

⁷ Para saber mais acesse: <<https://editorapangeia.com.br/?s=Elza+Freire>>



Em termos investigativos e acadêmicos, é necessário um distanciamento subjetivo para que essas evidências do campo empírico em torno de Elza ficassem mais consolidadas. Em *Pedagogia da convivência*, cunhei este termo, mas nasceu com Elza, vincando a sua atuação profissional no campo da educação, que se expande a partir do casamento com Paulo Freire e o nascimento dos filhos.

Tem também outro detalhe metodológico. Eu tinha uma espécie de “nó” acadêmico, ou seja, não separava Elza e Paulo, mas eu precisava, por meio da investigação, trazer a Elza para o centro do debate. Então, o que eu fiz? Cunhei uma perspectiva analítica o que chamo de Pedagogia da Convivência, que amadurece da convivência política, pedagógica, amorosa e existencial do casal. Não é uma convivência que se restringe aos vínculos afetivos, emocionais e relacionais, de homem e de mulher; é muito mais do que isso, é uma perspectiva da convivência que não nasce do consenso, que não nasce do comum, mas que nasce dos princípios das categorias “Freirianas” e “Euzanianas”, da contradição, do diálogo, da diferença e da conscientização. A Pedagogia da Convivência com Elza Freire é que dá origem a todas as outras pedagogias forjadas por Paulo Freire.

A Pedagogia da Convivência tem como fundante as relações que os dois juntos estabeleceram no campo do trabalho, do trabalho pedagógico, do trabalho político, do trabalho cultural. Então, eu tinha que não os separar. Tinha que dar visibilidade a essa mulher e dilatar as chaves de compreensão acerca de Paulo Freire.

O que é a nossa sala de aula, se não uma Pedagogia da Convivência?

Doutorado – As noites da ditadura e os dias de utopia: o exílio, a educação e os percursos de Elza Freire nos anos de 1964 a 1979⁸

⁸ O trabalho objetiva analisar o exílio como consequência do golpe de 1964 que depôs o Governo João Goulart e instaurou a ditadura no Brasil. Sua caracterização se dá com a descrição, análise e interpretação dos percursos de Elza Freire entrelaçados ao de Paulo Freire seu esposo e Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes seus filhos. Justifica-se tanto pelo caráter histórico e memorialístico ao entremear processos históricos passados, quanto pela utopia que vincula presente/futuro na construção de sociedades mais igualitárias e menos autoritárias. O recorte temporal se encaixa nos anos 1964/1979, os cenários compõem-se do nacional e internacional, onde foram inseridos brasileiros como parte do processo de exílio que acometeu homens e mulheres, adultos, jovens e crianças. As experiências de Elza Freire se configuram nessas realidades organizadas em três fases: Américas, Europa e África e, retorno ao Brasil. No âmbito geral, o foco se concentra no exílio, entendido como ato de violência e abuso de poder imposto pelo Estado e como acontecimento social, coletivo e, ao mesmo tempo individual, que relaciona as dimensões histórica, sociocultural, política e pedagógica. O exílio é ambíguo e simultâneo, compreende dor, saudade, rupturas e aberturas de oportunidades e horizontes, em seu bojo acontecem reconversões identitárias, movimentos de



Eu era funcionária pública em Ituiutaba, professora concursada desde meus 19 anos. Para conseguir realizar o doutorado, tirei uma Lip⁹, que é muito difícil, devido às configurações políticas do poder municipal, mas consegui em outubro de 2010, porque ganhei uma bolsa de dedicação exclusiva da CAPES. Dediquei a tese à minha orientadora, Débora Mazza, assim: *Por tempos e lugares de pesquisa e de vida partilhados, pelas experiências individuais e coletivas construídas. Sem a sua confiança, seu abrigo e encorajamento, Elza Freire continuaria no silêncio (e Nima também).*

Digitalizei, transcrevi e cataloguei todo o material da “caixinha”, todos os escritos íntimos, todas as entrevistas e depoimentos, reunidos até então. Passei horas e horas, noites e noites, e madrugadas, eu e meu cachorrinho (Shrek). Vim para o doutorado com o projeto de pesquisa em uma mão e na outra o cachorrinho.

Em 2011, retornei a São Paulo e conheci pessoalmente o Moacir Gadotti. Ele, com sua generosidade, me permitiu entrevistá-lo e acessar os acervos do Instituto Paulo Freire (IPF) que guardavam fragmentos de Elza Freire. Tive contato, por exemplo, com o passaporte de Elza, receitas médicas, documentos, pertences pessoais, mas aquela presença não precisava falar nada para se mostrar presente. Foi bonito demais aquele “encontro” com Elza. Senti que devia continuar.

Gosto de falar aos colegas que eu não sou nada, sou um fiozinho que se junta a outros fios e que vai tecendo e tecendo essa mulher do mundo, essa mulher companheira de Paulo Freire – Elza Freire.

Peço sempre que consiga ser leal a um compromisso com a pesquisa, com a ética na pesquisa, com o cuidado das fontes de pesquisa, respeitando as tratativas da pesquisa, com os sujeitos, com os nomes, com as pessoas. Nunca recebi nenhum

circulação e deslocamentos que provocam desterramentos, apátridas, estigmas e diásporas. O alicerce dos argumentos apresenta uma triangulação teórica, metodológica e empírica fundamentada na abordagem qualitativa e carregada por intertextualidades. Compostas por diversos instrumentos de coleta de dados, a partida foi o levantamento bibliográfico, todos na intenção de reunir e articular o conjunto de fontes documentais e não documentais, destacando os "Escritos Íntimos" de Elza Freire. O espectro das conclusões se abre destacadamente para: a elaboração do mapa da Diáspora Freiriana; a identificação de paradoxos e a esquerdização do casal Freire; as redefinições de práxis e propostas deles, em geral no campo da Educação e, particularmente da de Adultos; traça mudanças na militância; apresenta fragmentos do real com os quais se dá visibilidade a Elza Freire mulher, exilada, mãe, esposa, professora, camarada. Destarte, descrever percursos, recobrar memórias, investigar processos, é uma forma de impedir governos ditatoriais, é recusar situações sociais de controle, opressão, exclusão e, violação de direitos, é fortalecer a sociedade, a liberdade e a vida. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalle/932770>>

⁹ LIP - Trata-se de uma licença do servidor público estável do exercício de seu cargo ou função pública, de forma não remunerada, para tratar de interesses particulares, por até 2 (dois) anos.



valor do que publiquei. Recentemente a idealizadora¹⁰ da comunidade e da escola “As Pensadoras”¹¹ me escreveu, pois gostariam de incluir a Elza entre as pensadoras, nacionais e internacionais, estudadas e publicadas em artigos, que já está no volume 3¹². Aceitei, e sairá até meados de setembro deste ano.

Considero importante assinalar que não gostaria que Elza se tornasse uma marca registrada como querem fazer com Paulo Freire. Isso me dói muito! Fico profundamente entristecida. Assim, neste momento, olhando para vocês, olho no olho, quero afirmar que fiz tudo de coração, que aqui está a minha vida, minha carreira. Não gostaria que as pessoas levassem royalties, que fizessem disso uma celeuma, uma contenda, portanto, todo cuidado que a gente puder tomar é importante.

No doutorado, como já disse, aprofundei os estudos sobre os escritos íntimos de Elza, e, nesta pesquisa que analisei os anos de 1964 até 1979, tem um achado que juntei à Pedagogia da Convivência: o *Mapa da Diáspora Freireana*.

Levei 10 anos para construir este mapeamento. Nele, fui reconstruindo os percursos da família Freire a partir dos percursos da Elza, e ainda estou fazendo.

Através de Elza, tracei este mapa em diferentes escalas: local, regional, nacional e internacional, a partir de um movimento que supera uma perspectiva biográfica, pois a pesquisa sobre Elza Freire é teórica, metodológica e empiricamente orientada por uma pesquisa biográfica.

Neste mapa, pormenorizo onde e quando Paulo e Elza residiram e foram trabalhar. Cabe um parêntese aí: Paulo Freire não é um ser autônomo, resultando de uma geração espontânea de conhecimento. Não é uma entidade isolada como muitos querem ou defendem. Paulo Freire é um ser de amorosidade, de uma profunda humildade. Paulo Freire tem defeitos e sonhos. Paulo Freire teve filhos. Paulo Freire

¹⁰ Idealizadora e coordenadora do projeto As Pensadoras. Rita de Cássia Fraga Machado (Rita é professora na Universidade do Estado do Amazonas/campus de Tefé), pupila da Professora Conceição Paludo (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), recentemente falecida, e do Danilo Streck (Universidade de Caxias do Sul/RS).

¹¹ As Pensadoras – ESCOLA, COMUNIDADE E EDITORA. Somos uma instituição coletiva que dialoga com pensadoras brasileiras e latino-americanas para promover uma nova realidade. Queremos transformar o mundo, mas primeiro transformamos nós mesmas e nossas colaboradoras, nos tornando multiplicadoras de um conhecimento plural e acessível.

¹² Nesse terceiro volume da Coleção As Pensadoras, conheça a produção de conhecimento de cinco importantes Pensadoras pelos olhos de outras cinco mulheres intelectuais: Silvia Federici (por Anna Laura Maneschy Fadel), Eliane Potiguara (por Bárbara Flores), Ivone Gebara (por Carolina Bezerra Souza), Azoilda Loretto da Trindade (por Gisele Rose) e Elza Freire (por Nima Spigolon). O livro busca ser uma contribuição para o registro e divulgação das ideias dessas grandes Pensadoras que tanto contribuíram para pensarmos a situação das mulheres, em toda a sua pluralidade, nos diferentes âmbitos da sociedade. Disponível em: <<https://aspensadoras.com.br/>>



casou-se novamente em 1944 com Elza, depois que enviuvou. Paulo Freire foi órfão de pai. Paulo Freire concluiu a faculdade de direito, tardiamente, já casado com Elza, em 1947, e pai de Madalena e Cristina.

Pesquisei quem são os filhos, o que fazem e onde estão, qual o papel político pedagógico que exerceram na constituição do pensamento político e da práxis pedagógica de Paulo Freire, uma vez que ele falava que foi com seus filhos que mais aprendeu e que Elza o ensinava a cada instante. Ele dizia: *Tenho uma lacuna de formação que é a educação, não sou pedagogo, mas a Elza o é.*

O Mapa da Diáspora Freireana revela que Elza, de mãos dadas com Paulo, traz a coerência de que nós nos educamos juntos, em comunhão, em convivência, em diálogo e solidariedade, de modo que seja possível, cada vez mais, criar sociedades com justiça social, sustentabilidade e dignidade.

Desta forma, cabe a nós, ao lado de Elza e de Paulo Freire, buscar essas transformações na relação com os sujeitos, com as manifestações da barbárie e da discriminação; nas relações que estabelecemos com a cultura e o mundo, com o planeta e com a vida, onde a educação seja um ato revolucionário, de amor e coragem.

Uso a palavra revolução, porque tinha uma hipótese que era a seguinte: onde se deu a radicalização do pensamento educacional de Paulo Freire? Paulo, a meu ver, uniu educação e revolução desde o Método Paulo Freire elaborado pelo casal, mas esta categoria – revolucionário/revolução – surgiu em sua obra, em especial, nas produções sistematizadas e experienciadas com o exílio político.

O golpe de 1964, a instauração da ditadura militar e o exílio de Paulo Freire, todos estes atos de terrorismo de Estado, eu discuto no doutorado, contudo, a partir da figura central de Elza, de 1964 a 1979, período menos estudado, catalogado e transformado em artigos acerca da Pedagogia Freireana e do educador político Paulo Freire.

Paulo Freire foi para vários países, e a família se estilhaçou no exílio evidentemente. O doutorado tem como tema a Elza, mas a pesquisa também revelou algo inédito sobre Paulo Freire, que reafirmou a hipótese da sua radicalização do pensamento educacional, ou seja, quando ele afirmou que a educação é indissociável da revolução.



Esse período de estudo revelou muitas questões a partir da Elza, então, quero enfatizar isso porque há profunda amorosidade e rigor acadêmico. Paulo sai primeiro para o exílio e Elza fica, pois é funcionária pública e tem as crianças: Lut tinha cinco anos, era o caçulinha; Madalena, a mais velha. Paulo não queria sair do país, de Recife. Ele falava: *Não, isso (o Golpe) vai passar, vai ter eleições*. No entanto, a Elza sabia que não era isso que se configurava. Mesmo resistindo, após Elza falar com Paulo Rosas e outros amigos, ele saiu do país.

Faço este relato, porque quero demonstrar que Elza foi a grande estrategista de Paulo Freire; estrategista no sentido das grandes reconversões identitárias de Paulo Freire. Elza criou as condições para que o Paulo Freire, o homem que ela amava, pai dos seus filhos, continuasse vivo. Elza salvou não somente o pai dos seus filhos, aquele que caminhava na praia, olhava o horizonte. Elza amou Paulo com amor-humanidade, amor-humano. A praticidade que essa mulher teve, as atitudes dela, viabilizaram levar para o exílio, salvos no corpo e na alma do homem que amava, todo esse conjunto de ideias político-pedagógicas e filosóficas que foram formando o pensamento, a vida e a obra de Paulo. Digo isso, sem titubear, porque a pesquisa me revelou que se não fosse Elza Freire este Paulo Freire que nós temos não existiria. Existiria outro Paulo Freire, evidentemente, mas esse Paulo Freire das Quarenta horas de Angicos, do *Método Paulo Freire*, do MCP, do PNA, do exílio político, do Conselho Mundial de Igrejas, do IDAC, o Secretário de Educação de São Paulo (1989/1991), dos livros, enfim, não existiria. Paulo Freire só existe, porque foi marcado, profundamente, pela presença de Elza, pela Pedagogia da Convivência.

Paulo Freire e Elza Freire no exílio

Outro aspecto importantíssimo deste mesmo período no doutorado foi minha viagem para a África. Fiz esta opção, porque Paulo Freire chegou em África com Elza, a convite de um partido político, o Partido Africano para Independência de Guiné Bissau e Cabo-Verde (PAIGC).

Em África, Elza retomou sua atuação profissional, pois nunca deixou de ser educadora e pensadora, intelectual, todavia, foi nos PALOP's (países oficiais de língua portuguesa) que retornou para a sala de aula, para a confecção de materiais para a formação de educadores e de alfabetização de adultos. Neste momento da vida de Elza e Paulo Freire, quando primeiro chegaram à Guiné-Bissau, a convite do Mário



Cabral, de lá vão para Cabo Verde, e depois, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique.

Tais experiências, portanto, despertaram em ambos uma profunda amorosidade, indignação com os processos de colonização e um compromisso social pela educação pública popular, pela cultura popular e pelo trabalho de militância política em defesa dos direitos humanos, categorias que se expandem no pensamento de Freire, a partir de leituras de realidade ampliadas por meio de Elza, e que expressei no *Mapa da Diáspora Freireana*: de escala local – Recife; o Movimento de Cultura Popular (MCP), Movimento de Educação de Base (MEB); de escala regional – Angicos; de escala nacional – São Paulo e Brasília. Elza trabalhou em todas estas frentes ao lado de Paulo Freire.

Percebam que o mapa da diáspora que falamos anteriormente é ambíguo, muito bonito, e sofrido, com caminhos e descaminhos para a Família Freire. No período do exílio político brasileiro a decisão era entre ficar e morrer, ou ficar e ser preso e torturado, ou desaparecido, ou sair e viver.

Foi Elza que criou estratégias de sobrevivência e estabilidade emocional: no contato com diferentes idiomas, nas discrepâncias das temperaturas e até nos desmembramentos da família. O exílio político, a prisão, fez com que a família Freire: Elza, Paulo, Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes, fosse igualmente exilada. A partir da construção do Mapa, surgiu a Família Freire com percursos coletivos e individuais.

O Mapa, a partir de Elza revelou os vínculos institucionais, partidários e relacionais: institucionais, por exemplo, com o Conselho Mundial de Igrejas; partidários, com o PAIGC; relacionais, com Mario Cabral, compondo, assim, a originalidade e o vanguardismo do pensamento de Paulo Freire. A experiência do exílio amplificou estes e outros vínculos, que saem da dimensão local e paroquial do Recife para uma perspectiva cosmopolita e emancipadora, levando o casal Freire a se aproximar politicamente do pensamento de esquerda mundial e de outros militantes exilados do mundo todo.

Contudo, foi em África, a partir das experiências do exílio político, que localizo a radicalização do pensamento político, humanizador e educacional de Paulo, transformado, ao lado de Elza, em revolução. Dessa forma, destaco o trabalho com os grupos revolucionários para a independência e os primeiros governos



independentes das ex-colônias portuguesas na África, ou seja, eles vão atuar com o primeiro governo independente de Cabo Verde, de Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, com o Agostinho Neto, em Angola e Luís Cabral, em Guiné-Bissau, Aristides Pereira em Cabo Verde, dentre outros. Lá surge o camarada Paulo Freire, a camarada Elza, o casal camarada.

Abro um parêntese, porque vou deslocar um pouco esta história para os Estados Unidos. A Família Freire estava no Chile quando Paulo começou a ter os primeiros problemas, anteriores ao governo Allende. Após o golpe-Allende, Paulo foi trabalhar no Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra.

Paulo recebeu um telefonema dos Estados Unidos, de Harvard, convidando-o para trabalhar na Universidade. Nesta ocasião, ele tinha terminado a produção, mas não a publicação de *Pedagogia do oprimido*, então ele disse assim: *Não posso decidir agora*. E desligou o telefone. Elza virou-se para ele, daquele jeitinho todo Elza, uma galinha de cabidela sendo feita e feijão cozinhando, era uma casa brasileira, e falou: *Paulo, deixa de ser ingênuo. Você acha que toda a comunidade Estadunidense é o que você compreende? É esse imperialismo? Pegue o telefone e aceite o convite. Paulo vai lá, liga e Yes, Yes, I am Paulo Freire*. Enfim, ele foi para os Estados Unidos e começou a trabalhar em Harvard.

Antes de voltar para África, outro parêntese: a família se reencontrou no Chile – Elza, Paulo e os cinco filhos –, porém, foi neste país que a família começou a se espalhar pelo mundo. Madalena casou e foi para Londres com Francisco Wefford; Paulo, Elza, Joaquim e Lutgardes, os caçulas, para os Estados Unidos; Fátima e Cristina, permaneceram no Chile para aguardarem o término do ano letivo, somente depois foram para os Estados Unidos.

Passado este ano, deslocaram-se para Genebra, onde ficaram o maior tempo do exílio (fevereiro de 1971 até março de 1980). Paulo não foi um andarilho, no sentido romântico que alguns colocam. Não! Foi um exilado político, indo de um país para outro, porque não podia ficar mais naquele lugar. Isso é muito sério! Sempre para sobreviver ao lado de Elza e dos filhos. Foi um período longo e muito difícil! E não foi a passeio! Foi um exilado político! O Lut nunca conseguiu ser totalmente alfabetizado, filho de Paulo Freire e filho Elza Freire. Ela, alfabetizadora; ele, a maior referência, e Lut não conseguia se alfabetizar. Isto é o exílio, exílio como parte das consequências do golpe de Estado no Brasil e da ditadura militar!



Sim, no Brasil, houve a ditadura; sim, no Brasil houve golpe, mortos e desaparecidos, censura e tortura. O Brasil teve ditadura, sim! Nós precisamos nos posicionar politicamente para termos uma leitura histórica e política dos fatos para evitarmos acontecimentos como os que vivemos de 2016 para cá. E para que não voltem a acontecer.

Elza, Paulo e os cinco filhos – Madalena, Fátima, Cristina, Joaquim e Lutgardes – se juntaram a um conjunto de brasileiros que se tornaram alvo do governo instaurado, da ditadura instaurada. Importante que isso seja dito, porque retira o clima romântico que há em torno daquele período histórico e também do pensamento, da vida e da obra de Paulo Freire. O mapa que eu tracei a partir de Elza faz isso, espero: cumpre com o papel político de não vitimizar esses sujeitos e apresenta lições de vida no exílio da Família Freire.

Vamos voltar para as experiências em África, minha hipótese é: do exílio que nasceu uma categoria que trago no doutorado, que é o camarada, o camarada Paulo Freire. E como os camaradas se reconhecem? Porque no trabalho com esses grupos revolucionários, Elza e Paulo lado a lado nas inserções, nos projetos de reconstrução nacional, os camaradas compreendiam que, por meio da educação, poderia se constituir um novo sujeito, e portanto, um novo país com a conscientização do povo.

A educação era a base de qualquer projeto de reconstrução nacional, das ex-colônias portuguesas em África. E quem foi chamado? Paulo Freire. Quem o leva, o conduz? Quem está ao lado dele produzindo cartilhas, não na concepção de cartilha “Eva viu a uva”, mas de material didático que promove a formação libertadora, indo a gabinetes, indo nas culturas de arroz? Elza.

Mario Cabral, Ministro da Educação de Guiné-Bissau, me disse em 2013 o seguinte: *Nima, Elza era a caneta de Paulo Freire*, ou seja, o livro *As Cartas à Guiné-Bissau* existe, porque Elza guardava as cartas, sistematizava, porque ela respondia, e evidentemente, revelava o casal, a parceria, o entrelaçamento do pensamento político-pedagógico de ambos, o projeto de mundo e de humanidade que defendiam.

Dito isto, quero chamar a atenção para essa categoria que surge na tese: o camarada Paulo Freire, Elza e Paulo juntos, de mãos dadas, na inserção destes projetos de reconstrução nacional.

Em África, surgiu o casal *Freire camarada*. Eles passam a pensar e a defender, isto são marcadores epistemológicos, a indissolubilidade da Educação com a



Revolução; da Revolução com a Educação. Este casal *Freire camarada* é uma prova de amor à humanidade, de compreensão para a nossa passagem física neste plano, de luta contra toda forma de injustiça, miséria e violência, da luta ao lado dos excluídos, dos esfarrapados e dos oprimidos, sempre em defesa da educação.

Portanto, este pensamento de Paulo Freire é amalgamado a partir do pensamento e da ação de Elza. Os testemunhos dele se deixam lavar ora nas dedicatórias, nas páginas de livros, ora nas declarações públicas, em conferências, cursos e aulas. De Elza, de sua intelectualidade e de sua prática, poucos sabem que anteciparam e constituíram a materialização dos princípios freirianos. Realizada onde? Nas miudezas do cotidiano, na intimidade, no conflito respeitoso, no diálogo crítico e, sobretudo, de uma grande história de amor e de paixão de um pelo outro e dos dois pela educação e pela humanidade.

Acredito que o caminho investigativo que concebi aponta que foi Elza que forjou a Pedagogia da Convivência, sendo ela, portanto, a personificação antecipada, e depois concretizada, dos métodos, da práxis e da teoria que posteriormente foi sistematizada e confirmada nos livros e artigos de Paulo Freire.

Para terminarmos este relato sobre a África, sobre o exílio político e sobre o Mapa da Diáspora Freireana, penso que as adversidades que viveram – sobrevivência, clima, circunstâncias políticas, a preocupação com os filhos –, também foram a base para que fossem acolhidos no Chile ao participarem de uma colônia de exilados brasileiros: Fernando Henrique Cardoso, Plínio de Arruda, Sérgio Sampaio, a visita de Dom Helder Câmara, e tantos outros. Houve dias em que mais de cinquenta pessoas se reuniram para almoçar na casa dos Freires, lembrando as feijoadas que Elza levava para Paulo Freire na prisão e para os outros prisioneiros.

Dentre estas e outras adversidades, Paulo Freire se manteve recluso para escrever *Pedagogia do oprimido*. Madá e a Elza falaram para Paulo: *Para de falar que você vai escrever, vai lá e escreve./ Paulo, isso tem que fazer, vamos sistematizar.*

O enfrentamento destas adversidades sempre se deu com diálogo, respeito, humildade e fé. Penso que a dimensão da espiritualidade de Paulo e de Elza se consolidou a partir da concepção de educação, ou seja, a fé no humano,. O pai de Paulo era espírita; a mãe tinha formação católica. Elza era igualmente de origem católica, com percepção do mundo espiritual, intuitiva. O casal Freire rezava a missa em casa, naquele período do exílio. A fé a que me refiro não é a fé dogmática ou uma



fé de proselitismo, de fundamentalismo, mas uma fé que significa espiritualidade, que transforma as condições de vida material e a consciência dos seres humanos.

A pedagogia Elza-Freireana é o enfrentamento das adversidades com diálogo, respeito, humildade, fé, mas uma fé que se reconecta com a espiritualidade, uma fé da religiosidade, do religare das religiões. No exílio, Paulo não perdeu a fé. Paulo Freire cunhou o verbo *esperançar*, e é Elza quem tornou o verbo *ação*. Terminei o doutorado e, logo em seguida, o cachorrinho Shrek faleceu!

Quem é Elza Freire? Qual o papel de Elza na estruturação do Método de Alfabetização? – “Uma esperança que se fez verbo e transformou o *esperançar* em *ação*”

Quem é Elza? O encontro com a Elza surgiu com a leitura da obra de Paulo Freire, *Pedagogia do oprimido*, e, já nas primeiras palavras, quando ele registrou de próprio punho: “Queremos expressar aqui o nosso agradecimento a Elza, de modo geral nossa primeira leitora, por sua compreensão e estímulos constantes a nosso trabalho, que também é seu.”

A primeira vez que eu li “Elza”, já me deu um *trem* diferente! Isto aconteceu no final dos anos 1990, somente depois que compreendi que aquele livro era a principal obra do Paulo Freire, a quinta mais citada no mundo. Depois de encontrar Elza nos livros de Paulo Freire, busco-a nas suas entrevistas e produções, sendo que minha curiosidade sobre ela foi se desdobrando e aumentando, logicamente, pelo meu olhar investigativo.

Os primeiros encontros com Elza e com Paulo foram muito incipientes, pois partiram de um olhar de uma professora do interior, circunscrito à cidade de Ituiutaba, de quem tinha lido até ali somente *Pedagogia do oprimido* e no campo acadêmico muito restrito. Este atravessamento por Elza fez com que me perguntasse sobre quem é esta mulher e por que Paulo registrou escrevendo que o trabalho também é dela.

O interesse por Elza se deu e cresceu a partir das apropriações, eu diria, muito particulares, que fui e vou fazendo das produções do Paulo Freire, isto é, do conjunto de livros, textos, entrevistas para rádio e jornal, coletas de depoimentos, por exemplo. Com este olhar mais apurado, os prismas se abriram e desvelaram Elza por meio da vida e da obra de Paulo Freire. Passo, então, a me identificar, cada vez mais, de uma forma muito incontida, com a presença comedida, discreta e potente dessa mulher,



uma presença invisibilizada, mas que aos meus olhos se fazia visível, deixando-me encantada e cheia de perguntas.

Ao mesmo tempo, eu pensava assim: *Nossa, mas quantos já leram Paulo Freire, quantos ainda estão lendo?* Isto ali me provoca inquietação, me perturbava. Desde então, me debruço de uma forma investigativa, dialógica, dialética, e incansável, nessa busca perene, ininterrupta sobre quem é Elza Freire.

Elza, foi se constituindo em meu projeto de vida, meu projeto de vida não somente acadêmico e, lógico, um projeto sobre Paulo Freire, porque é uma outra releitura sobre ele a partir de Elza Freire, e mesmo uma releitura de Paulo com Elza. Um projeto de estudar e pesquisar uma mulher do mundo, a educadora da escuta, da arte educação, da transformação com amorosidade das condições reais de existência.

Pensar sobre Elza me fez recordar uma memória da menina Nima e da Nima professora. Posso contar?

Elza nasceu com um livro na mão, ela foi a primeira professora da família, inclusive dos dois irmãos, a Bila e o Zeca. O Zeca de Melo, compadre do Paulo, o Paulo adorava o Zeca, tanto que, quando ele foi se casar de novo, foi ao Zeca pedir a benção, a permissão. Isso é muito bonito, muito bonito.

Como professora de Bila e Zeca de Melo, ao lado da influência de sua primeira professora primária, Maria Esther Viegas, Elza escreveu em seu o único texto que deixou publicado e que tenho conhecimento: *Escolhi ser professora por mim mesma.*

Pergunto: *Quantas professoras primárias e não só as primeiras professoras também nos inspiraram a ser as professoras que tentamos ser?*

Minha primeira professora primária, inclusive dedico a ela minha Dissertação de Mestrado, chama-se Diva Toscano de Medeiros. E aí é bonitinho demais, porque eu sou de uma época que eu chamava a minha professora primária de tia. Era a tia Diva. Minha mãe contava que, em alguns finais de semana, ela tinha que me levar para ir ver a tia Diva. Eu tinha que passar o sábado e o domingo com a tia Diva. Estes (re)encontros são influências decisivas em nós, professoras e professores, nas vidas que entrecruzam o nosso caminho.

Elza é uma mulher de época, assim como Paulo também é um homem de época. Sugiro que usemos a lente daquela época.

Nordeste, início do século XX, uma mulher que vem de uma classe social com acesso a bens sociais. Elza frequentava a sociedade nordestina com todos os seus



valores de época; estudou em escolas de referência. Fez os seus estudos iniciais em Recife, em escolas próximas à casa dela. Dona Maria Esther Viegas, sua primeira professora, foi parlamentar no Estado de Pernambuco.

Elza vem de uma família com esse bem cultural. A mãe de Elza era uma mulher muito rígida, o pai pensava um pouco mais alargado. Depois, Elza continuou seus estudos em Olinda, em uma escola confessional, das irmãs Beneditinas Missionárias de Tutzing, da Alemanha, com apenas duas escolas no Brasil.

Percebam que ela recebeu uma formação de referência naquela época, naquele contexto econômico, cultural e histórico. Em seguida, fez o Curso Normal, na Escola Normal de Pernambuco, pois escolheu ser professora. Após, se especializou em Alfabetização, aliando um campo prático de experiências a uma formação intelectual no campo da alfabetização. Evidentemente que, nesses primeiros tempos, tratava-se de uma alfabetização voltada para crianças.

Elza se tornou professora primária, sempre preocupada com a Educação Pública e vinculada às classes populares. Concursada no Estado de Pernambuco, recém-formada, foi atuar na Educação Pública. Ocupou os cargos de professora e de diretora, mas tinha um arcabouço na gestão da escola e no engajamento com os movimentos populares, culturais e sociais.

Elza era uma mulher com outras temporalidades. Cinco anos mais velha que Paulo, fugiu para se casar. No nordeste, isso se resolvia na igreja, no altar ou na peixeira; ainda bem que o pai de Elza resolveu no altar! Com 30 anos, se tornou mãe de Madalena; após, de Cristina e de Fátima. Depois de dez anos, nasceram Joaquim e Lutgardes.

De mão dadas com Paulo Freire, forjou a coerência de que nos educamos juntos, em comunhão, em sociedade e em convivência. Então, distanciando-me da dicotomia ou da coisificação do sujeito em suas múltiplas dimensões de existir e resistir, eu revisito a possibilidade de uma retomada da perspectiva progressista, humana, crítica e sensível, tendo em vista criar uma agenda emancipadora para a educação do século XXI, em interface com as didáticas de Paulo Freire e Elza Freire, fundamentadas na *Pedagogia da autonomia*, *Pedagogia da esperança*, *Pedagogia da convivência* e por uma educação como prática da liberdade.

Estamos diante dos cenários nacionais e mundiais do conservadorismo, do fascismo, as políticas neoliberais, os atos de violência cunhados no preconceito, na



discriminação racial, a origem nas concepções de Estado autoritário e nas práticas sociais opressoras. Elza e Paulo, o casal Freire, só será anistiado politicamente quando não houver mais nenhum adulto analfabeto ou semianalfabeto, e diga-se, analfabetismo político, capaz de ler o mundo, ler a palavra, interpretar e transformar coletivamente por meio de um projeto societário de paz, de amor, de sustentabilidade e de justiça social.

Não poderia me furtar de registrar que os percursos de Elza e de Paulo, nacionais e internacionais, demonstraram em cada gesto, ao longo de suas vidas, até os últimos dias, uma coerência profunda entre o que diziam, que faziam, uma humildade, uma humanidade, uma simplicidade, uma profunda vontade de viver, de amar, amar a vida, amar o próximo e de respeitar a natureza, além de uma capacidade intensa e arraigada de se indignar com as injustiças ou qualquer falta de respeito ao ser humano.

Elza representou dor e saudade com seu falecimento em outubro de 1986; Paulo Freire representou o mesmo, em maio de 1997. O pensamento deles, em si, é atemporal, embora os fatos históricos vividos sejam balizados por uma cronologia e, assim, o pensamento de Elza e Paulo permanecem vivos.

Todas as demais pedagogias que nós tivemos são advindas do pensamento dos dois, daquelas práticas. Assim, estaremos trazendo Paulos, Elzas, Joaquins, Madalenas, Fátimas, Lutis, Dirleis, Lianas, Dulces, Maria Angelas, Liéses, Rosalvas.

Conheci a Elza em cada fragmento vivido e eu busco a Elza a cada instante da vida, para reaprender o Brasil. Acho que isso é importante nesse momento que nós vivemos. Como estamos falando sobre o nascimento do Método de Alfabetização, gostaria de abordá-lo, antes de partirmos para o final desta prosa.

O Método de Alfabetização: Elza e Paulo Freire

Os estudos de Nima trazem à tona, com ênfase e coragem, um dado que muitos de nós já sabíamos, no entanto, este momento da entrevista-diálogo se reveste de muita importância, sobretudo, porque busca dar voz à Elza como alfabetizadora de primeira grandeza, aquela que idealizou as bases iniciais do Método de Alfabetização de Paulo Freire.



Elza tinha uma formação intelectual no campo da alfabetização e uma vasta experiência como alfabetizadora de crianças, sendo que, nesta condição, já demonstrava práticas vanguardistas para atuar na alfabetização de adultos. No final dos anos de 1950 e início da década de 1960, Elza inseriu a arte nas suas vivências de educadora, trazendo, desta forma, uma visão mais ampliada aos processos de alfabetização, ou seja, despontaram sinais da criação do movimento cultura popular, desde uma concepção de educação mais ampliada, pois Elza levou a arte para suas aulas, nos seus processos de alfabetização e nas primeiras experiências com adultos. Certa vez, Elza disse para Paulo: *E se nós levarmos para o mundo do adulto o que eu faço no mundo das crianças para alfabetizar?* Esta questão representa um giro epistemológico fundante na constituição do Método Paulo Freire. Penso, inclusive, que o método deveria chamar-se Método Elza e Paulo Freire.

O Método gerou inúmeras vivências (e segue gerando), com a mesma vitalidade dos primeiros tempos, surgindo como um método utilizado em outras experimentações além da alfabetização.

Lógico, o próprio Paulo Freire vai pensar nisso, mas, naquele momento histórico, nasceu o Método de Alfabetização Paulo Freire. Freire concebeu um conjunto de práticas político-pedagógicas emancipatórias embasadas, teórica e metodologicamente, condutoras e organizadoras de um método de educação em sentido ampliado, voltado, portanto, para repensar e reconhecer, de forma democrática e dialógica, em cada sujeito um fazedor de histórias. Elza foi a grande metodóloga, se é que podemos dizer assim, do Método Paulo Freire. Elza cuidou da sistematização, da elaboração, ou seja, ela didatizou o método; Paulo, com sua formação intelectual, organizou as bases teóricas do Método.

Elza tem um capital cultural familiar, pois nasceu com o livro na mão; e da prática, como alfabetizadora de crianças. Ela tinha um jeito muito próprio de alfabetizar, e que se revelou na sistematização do método, porém, é muito mais do que um método, pois apresenta a complexificação do pensamento através do espírito filosófico reflexivo do pensador Paulo Freire”.

Dessa inter-relação, da alfabetizadora que descreveu uma didática que elaborou as ideias-sementeiras que, ao dialogarem com o pensador, se amalgamaram, vem a construção do método que pensa a leitura de mundo e a de leitura das palavras, impregnando a alfabetização de caráter político, emancipador,



libertador e cultural. O Método de Elza e Freire nasceu das palavras-mundo/o universo vocabular, que representam o universo cultural dos sujeitos; a escolha das palavras geradoras. Essa é a Pedagogia da Convivência.

Desse encontro de marido e mulher, de educador e de educadora, de dois professores, sem que haja sobreposição de um ao outro, nasceu o Método de Alfabetização Elza e Paulo Freire como síntese de um projeto político intermediado pela educação, que abarca as dimensões econômicas, culturais, históricas e sociais.

Reconhecer-se dentro da concepção de mundo, de sociedade, de educação de Elza Freire e, evidentemente de Paulo Freire, nos transporta para a sensação de pertencimento e não de posse, fincada no presente histórico, por isso, eles são tão atuais. Realizar leituras críticas e históricas da realidade, se engajar na luta ao lado dos excluídos, esfarrapados e oprimidos, se conscientizar do acontecimento revolucionário de uma educação política e popular que pensa a existência humana, com as suas diferenças individuais, de modo a combater as desigualdades sociais, os terrorismos de Estado e defender as causas anticoloniais e anti-imperialistas. Há aí a consciência de nossa finitude material, pois, quanto mais temos noção disso, mais intensamente vivemos, e foi isso que Elza fez. O coração de Elza para de bater nos braços de Paulo Freire, mas o seu pensamento continua vívido. Muitas noites de amor, muitos dias de inteireza e boniteza e, assim, dessa união entre Elza e Paulo, nasceram cinco filhos: as três Marias como carinhosamente as chamava, Madalena, Cristina e Fátima, e os dois meninos, também como carinhosamente os chamava, Joaquim e Lutgardes.

As pessoas não estão morrendo apenas de fome, de doenças, dizimadas por guerras, morando nas ruas, desempregadas, sem documentos e cidadania, as pessoas são mortas pela ausência da amorosidade, da solidariedade, da dignidade de uns para com os outros, as pessoas são mortas pela nossa indiferença, pela nossa ganância, pelo nosso egoísmo. Amorosidade, solidariedade, dignidade pujantes e pulsantes no coração e na alma de Elza, nos seus braços que abraçam e acolhem incondicional e indistintamente as humanidades. Uma esperança que se fez verbo e que transformou o esperar em ação, e isso reverbera nas políticas públicas que se orientam nesse pensamento, na presença de um Estado de Direito e da educação libertadora, para todas as pessoas.